

DSEJOS, CONFLITOS E PRECONCEITOS NA INVENÇÃO DE SI: HISTÓRIA DE UMA TRAVESTI NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO.

*Paulo Reis dos SANTOS**

RESUMO: Realizei duas entrevistas com Denise Martins¹ para minha dissertação de mestrado, cujo título é “Entre necas peitos e picumãs: subjetividade e construção identitária das travestis do Jardim Itatinga²”, defendida no GEISH – Grupo de Estudo Interdisciplinar de Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da UNICAMP. Neste trabalho foco meu olhar naqueles sujeitos nomeados como diferentes, passíveis de condição inferior de cidadania por estarem fora das regras sociais que estruturam o sexo e o desejo heterossexual como norma para todos os humanos. Assim, articulo o campo teórico das ciências sociais com a questão da sexualidade humana, regulada por orientações, comportamentos, identidades, interesses ou desejos sexuais fora da norma heterocêntrica.

PALAVRAS-CHAVE: Travesti. Gênero. Corpo. Prostituição.

O menino

Denise me conta que fora o quarto filho entre nove irmãos e que, quando criança em Goiânia, era discriminado na escola pelos seus colegas por seus modos afeminados e, que naquela época não entendia o porquê daquela hostilidade toda. Disse também que seus irmãos o agrediam, chamando-o de mulherzinha, bichinha

* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas – SP- Brasil. 13015-100 – da re_pare@yahoo.com.br

¹ Denise autorizou, via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o uso de seu nome social (nome feminino que a identifica socialmente).

² Zona de prostituição da cidade Campinas, interior do Estado de São Paulo.

ou de veadinho. Ele ficava assustado, pois não sabia do que o estavam chamando, nem o que aquelas palavras significavam:

Denise – [...] tive uma briga muito séria com um irmão que me chamava de bicha e eu nem mesmo sabia, não entendia direito o que estava acontecendo comigo [...] Tinha comportamentos femininos como todo homossexual na infância e adolescência. Mas na verdade eu não sabia ainda de toda essa maratona que eu ia pegar pela frente [...] Eu não me relacionava bem com meus irmãos porque eu achava que eles não tinham que ter essa atitude... (IDENTIDADE, 2003)³.

Vemos aí um corpo infantil sendo sujeitado pelo discurso que o coloca fora das regras sociais que estruturam os sujeitos em homens e mulheres, numa ação do dispositivo da sexualidade, que, para Foucault (1996), é o dito e o não dito que normatiza a sexualidade heterossexual e estrutura o desejo. O dispositivo da sexualidade pode ser entendido como um campo de disputas relativas ao estabelecimento de sentido para a vida e de horizonte de inteligibilidade para as práticas sexuais. O campo de atuação do dispositivo é a indução para subjetivação, que fazem o trânsito entre as zonas de inteligibilidade, definindo o humano e o não humano, o normal e o abjeto. Através de expressões como **bicha**, a subjetividade desse menino será atravessada pelo efeito dessa desqualificação social, pelo sentimento de medo, pelo silêncio e culpabilização do desejo sexual que permeará sua trajetória até a construção de uma aceitação de si.

As técnicas sociais disciplinares aplicadas neste caso focavam apenas, de forma prescritiva e violenta, a construção identitária do menino como homem, macho, heterossexual, a partir de seu sexo biológico. À esta criança resta experimentar este **jeito estranho de ser** como uma inadequação ao meio social, mesmo não sabendo diferenciar como um homem ou uma mulher fala, senta, anda ou se comporta.

Dentro desta linha de raciocínio, discutindo o pensamento de Judith Butler, Bento (2006, p.90) nos diz que:

O gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para

³ Daqui para a frente, todas as falas de Denise que aparecerem sem referência foram retiradas da entrevista para o site do IDENTIDADE.

os gêneros, tendo como fundamento para a sua existência a crença de que são determinados pela natureza.

A família, a escola e a sociedade vão sujeitando o indivíduo para que ocupe o lugar que lhe é destinado socialmente. Dentro desta lógica, estrategicamente, os meios de comunicação de massa, os brinquedos, os jogos eletrônicos, o cinema, a música, etc., formam um conjunto de procedimentos pedagógicos que vão educando subliminarmente meninos e meninas a incorporarem os papéis de gênero masculino e feminino.

Assim, vamos (re)conhecendo o eu e o outro, aquele diferente de mim, no qual inscrevo todas as marcas das diferenças. O outro funciona então como contraponto de minha constituição como sujeito, em que eu me reconheço como o **normal** e o outro o **anormal**. Então, problematizar o corpo como algo produzido na e pela cultura rompe com sua naturalização, colocando-o como objeto de estudo que pode ser observado, analisado, classificado, explicado e tratado.

A menina-moça

Ansiosa por uma normalidade que a sociedade lhe nega, Denise, na adolescência, começa a sentir atração pelos rapazes. Com 15 ou 16 anos de idade foi trabalhar com uma senhora que fazia artesanato e vendia seus produtos na feira, ainda em Goiânia. Foi neste momento que, ainda menino adolescente, sentiu que seus sentimentos internos se definiram:

Denise –[...] E pra mim foi complicado, porque, aí foi pra mim... a revelação de mim mesmo, né? Agora já era eu mesmo querendo me crucificar, me condenar, porque eu sentia atração por outros meninos. Já não eram os meus irmãos, era eu mesma, assim, num conflito pessoal.

Como sobreviver, trabalhar, ressignificar e superar a homofobia⁴ internalizada, se a nossa sexualidade é subjetivada através dos medos, preconceitos, mitos e do moralismo cristão? Em nossa cultura ocidental, cotidianamente ouvimos dizer que qualquer comportamento sexual dissidente, ou seja, fora das regras que conformam a heterossexualidade como modo correto de estruturar o desejo, é marcado pelo

⁴ Homofobia: caracteriza o medo e desprezo pelos homossexuais (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) que alguns indivíduos sentem. O termo é usado para descrever uma repulsa face às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e todos os aspectos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual.

signo do desvio, ausência de higiene e pecado. Neste caso, como se constituir com um sujeito desejanste?

Em 1869, na Alemanha, o escritor Karol M. Kertbeny definiu e diferenciou os seres humanos nomeando como homossexuais aqueles que tinham práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo biológico e heterossexuais os que tinham práticas sexuais com pessoas do outro sexo. Essas definições foram apropriadas pelas ciências médicas e jurídicas fazendo surgir a figura clínica do homossexual, instaurando assim, a homossexualidade como categoria científica, e como tal, passível de estudo, análise, tratamento e reversão.

Uma das ferramentas do dispositivo da sexualidade são os discursos religiosos, jurídicos ou médicos, cujo controle sobre os corpos é o controle de seus desejos e de suas performances gestuais, culturais e sociais. Para entendermos o poder da linguagem em criar realidades, vejamos o que nos diz Berenice Bento (2006, p.45), comentando Austin (1990):

[...] é necessário apontar que a linguagem não tem somente a função de descrever a realidade, devendo ser compreendida como uma modalidade produtora de realidades. No caso da linguagem científica, a tarefa de desvelamento dessa função é consideravelmente complexa, pois sua eficácia consiste na idéia da suposta capacidade da ciência em descrever uma dada realidade de forma neutra.

Todo conhecimento e experiência adquiridos com a loucura e organizados no decorrer do século XIX proporcionaram no início do século XX, à psiquiatria, *know how* suficiente para enquadrar o comportamento afetivo-sexual dissidente como uma doença. Antes reconhecidos como criminosos e pecadores, agora o pederasta, o sodomita e o uranista não eram mais culpados por suas transgressões e devassidão. Como doentes e enfermos poderiam ser curados, bastava apenas encontrar a causa desta patologia. Trevisan (1986, p.109) nos relata que no Brasil, em 1938, o

[...] médico-legista Leonídio Ribeiro [publicou em **Etiologia e tratamento da homossexualidade**, que a mesma] passou então a ser estudada à luz da ciência, verificando-se que se tratava de uma anomalia caracterizada por uma preferência, do ponto de vista sexual [...] que um indivíduo manifesta de modo ativo, passivo ou misto, por outro indivíduo do mesmo sexo [...] as práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar, na maioria dos casos, de indivíduos doentes ou anormais, que não deviam ser castigados, porque careciam, antes de tudo, de tratamento.

Essas considerações levam-nos a refletir sobre o poder do discurso médico e os efeitos de verdade que ele possui. Assim, buscando entender o que se passava consigo, ou talvez buscando uma cura para sua inadequação social, o descompasso entre seu sexo biológico e seus desejos mais profundos, Denise vai buscar amparo na terapia:

Denise – [...] o psicólogo me deixou à vontade, ele me fez compreender que não tinha nada errado comigo, né. Que havia alguma coisa errada era com as pessoas que não me aceitavam da maneira como eu era. Ele me ajudou muito [...].

Apesar do estigma social que pesa sobre as práticas sexuais dissidentes, o terapeuta que cuidou de Denise instrumentalizou aquele jovem adolescente a viver plenamente seus desejos, fossem eles quais fossem. Esta nova possibilidade transformou algo em seu interior.

A transitoriedade dos significados individuais e coletivos que imputamos às práticas sexuais é intrínseca a um processo fluido e flexível experimentado por indivíduos ou coletividades. Assim, nossas escolhas situadas neste processo estão atreladas a diferentes sistemas culturais e são simultaneamente formadas, moldadas e reelaboradas por relações de poder. Foi assim que, através do efeito de verdade do discurso médico-psicoterapêutico Denise ressignificou seus desejos e abriu-se às possibilidades de vivenciá-los.

E foi assim que, em meio à clientela da feira, Denise encontrou um outro sentido para sua sexualidade e começou a desembaraçar os fios que iriam tecer a nova trama de sua existência:

Denise – [...] eu fantasiava muito a sexualidade, porque eu não tinha ninguém pra conversar comigo, me explicar as coisas, e eu fui aprendendo muito a pulso [à força], né? ... Um dia eu estava lá e apareceram dois travestis, [...] e eu tentando encontrar o masculino e o feminino, né? E eu não conseguia achar, mas esses travestis [...] acabaram me ajudando porque eles deixaram o endereço deles. Falaram que eu tava perdendo tempo lá vendendo artesanato, que eu poderia ganhar muito mais.

Denise descobre então uma nova possibilidade de convergência de desejos e afetos. Abrindo-se para o que poderia vir a ser, resta-lhe então investir na criação de um mundo que se justificasse por sua qualidade estética, que funcionasse no sentido inverso à imagem produzida pelo discurso médico-jurídico. A partir do encontro com suas novas amigas, ela não se sentiu mais solitária e inapta para o convívio social ao vislumbrar o seu novo lugar social.

Denise – E foi aí que eu fui conhecer a casa desses travestis. Lá eu vi eles se arrumarem, se vestirem, se produzirem, entendeu? E nasceu assim esse desejo, né? Foi nascendo o desejo. Foi aí que começou a confeccionar na minha mente essa questão do travesti. Eu já estava com 17 para 18 anos. E esses travestis... um dia ficou combinado que eu ia lá e eles iam me arrumar pra eu sair com eles.

Depois de muito relutar, visita as travestis e permite deixar produzir-se. Vestem seu corpo masculino com roupas femininas, arrumam o seu cabelo, maquiam-no e vão para o ponto de prostituição. E assim ele entra pela primeira vez num carro de cliente desejando fazer o papel feminino, ser passivo na relação sexual, ser penetrado! Mas assusta-se ao sentir sua genitália ser tocada pela mão do cliente e ouvir o pedido para fazer o papel de ativo. Chocado, abre a porta do carro e foge!

Nesta primeira noite, após o fracasso de sua primeira experiência na pista, suas novas amigas atestam sua inadequação à prostituição e o aconselham a continuar com o artesanato. Mas a alteração de seu território-existência já estava marcada e a partir de então se esforça para aprender as possibilidades da mutação física permitida por toda a engenhosidade e tecnologia humana. Assim, ingere hormônios femininos na busca de transformar seu corpo numa nova maneira de se mostrar ao mundo, com a intenção de provar o gozo estético, atraindo para si o desejo no outro.

Este processo de transformação engloba a assimilação da cultura travesti: linguagem corporal, gestual e a linguagem codificada a partir dos cultos religiosos afro-brasileiros, e especialmente termos vindos do ioruba-nagô, utilizada de norte a sul do Brasil, conhecida como bajubá, pajubá ou bate-bate⁵. Desta maneira, Denise vai se constituindo simultaneamente no coletivo e no individual como um novo sujeito.

O corpo

O corpo é o *locus* a partir do qual o indivíduo expõe publicamente sua intimidade, e também é nele que exhibe a transformação causada pelos signos do grupo social ao qual pertence. Numa sociedade massificada como a nossa, pertencer a um grupo social qualquer exige que se incorporem signos que nos

⁵ Benedetti (2005, p.103) observou o mesmo entre as travestis de Porto Alegre; Silva (1993, p.78) na Lapa, no Rio de Janeiro e Pelúcio (2005, p.217) em São Carlos, interior do estado de São Paulo, assim como eu também entre as entrevistadas para minha dissertação de mestrado, em Campinas em 2006.

remetam ao coletivo, em que a individualidade é marcada pela performance pessoal e a qualquer momento é possível medir o ineditismo e singularidade e individualidade do sujeito

Denise – Então, aí a mudança do corpo se deu [...] na minha opinião o corpo, ele foi assim a minha ferramenta de trabalho [...] os seios [...] o quadril [...] os cabelos longos [...] eu acho que isso foi ferramenta de trabalho. Assim como o pedreiro tem a sua pá, a sua colher para confeccionar a casa, eu tinha aquilo como ferramenta, os seios, o cabelo muito luxuoso [...] um corpo muito bem cultuado [...] para atrair e seduzir a clientela.

Todos somos projetos inacabados daquilo que queremos ser, ou seremos no futuro, assim, concluímos que todos nós estamos em constante processo de mudança. Dentro deste contexto, a experiência da travesti perde suas marcas exóticas, ao consideramos que ela é a beneficiária e tributária de toda uma tecnologia que não foi criada para ela e que a ela chegou residualmente: adornos, perfumes, tatuagens, cosméticos, próteses, implantes, plásticas, modelagens, dietas, hormônios, lentes de contato, etc.

O exercício de se construir e se constituir como um novo sujeito, para uma travesti, significa vigiar exaustivamente tudo em si que foge do padrão visual do feminino, não um feminino heterossexual, mas um feminino travesti: cabelos, unhas, seios, nádegas, barba, etc. Tudo o que o espelho mostra de masculino neste corpo e que não pode ser eliminado tem que ser aguendado⁶. Em minha convivência com as travestis do Jardim Itatinga era comum vê-las com pinça nas mãos lutando contra o **chuchu**⁷.

Transformar-se em travesti é estar acima da condição biológica masculina que, através de um meticuloso esquadrinhamento tecnológico refluí, metamorfoseando-se num feminino reconhecido e admirado pelos seus pares:

Pesquisador – Você colocou silicone?

Denise – Coloquei, tomei hormônio durante muito tempo, durante esta época...

P – O silicone que você colocou foi prótese ou líquido⁸?

D – Nos seios prótese e no quadril, líquido!

⁶ Em bajubá, aqüendar significa esconder, camuflar, disfarçar.

⁷ Em bajubá, chuchu é buço ou barba.

⁸ Atualmente o uso de silicone industrial para injeção nos tecidos humanos não é aprovado pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Contudo seu uso clandestino é amplamente difundido, podendo ser adquirido com facilidade. O silicone utilizado pelas travestis para a modelagem do corpo é de uso automotivo ou farmacêutico. Seu nome técnico é óleo de silicone 47v (dimetilpolisiloxane). É um produto orgânico sintético, que não pode ser metabolizado pelo organismo humano.

De acordo com as informantes de minha dissertação, no geral, a transformação corporal inicia-se com a ingestão de hormônios feminino⁹. Assimilando os macetes da rua, a maioria decide se bombar¹⁰ e as companheiras lhe indicam uma bombadeira¹¹, que lhe aplica o silicone¹².

O conhecimento leigo sobre as tecnologias de transformação corporal praticadas pelas travestis lhes proporciona o acesso a novos domínios sexuais, éticos e estéticos. Além da intensificação e da descoberta de novas possibilidades anatômicas, multiplicam-se as probabilidades de o humano esculpir-se. Assim, as travestis cotidianamente travam uma luta renhida contra a natureza biológica masculina e, ao soterrar o homem em si mesmas, instigam o florescimento da natureza feminina em seus corpos.

Denise muda seu corpo, e este novo ser performativo que surge, coloca-a à margem da norma, recoberta de novos signos; ela passa a nos ensinar que ser travesti é resistir, contornar e superar constantemente as normas da cultura oficial.

Os nomes

Os apelidos, pseudônimos ou nomes de guerra femininos são comuns entre as travestis e, assim, ao assumi-los, ajudam a constituir uma nova identidade, correspondente à imagem idealizada de si. Procuo confirmar a informação de que o nome das travestis é dado por uma **madrinha** e Denise me diz que antigamente era a cafetina¹³ quem batizava as mais novatas, e me conta que ela mesma já fez isso inúmeras vezes:

Denise – [...] Eu lembro de uma vez que a gente tava comendo e... sabe aquele molho da salada? Quando sobrou aquele molhinho da salada eu peguei e joguei na cabeça dela assim, eu te batizo com o nome tal. Entendeu como é que é ? [...]

⁹ Anaciclín, Androcur, Ciclo 21, Perlutan (antigamente tomava-se hormônio de vaca, segundo a fala de uma das travestis). Às vezes, o uso desses hormônios provoca o crescimento da mama, engorda, incha, causa um descontrole hormonal, irritação, zumbido no ouvido, dores no estômago, eliminação dos pelos do corpo, fraqueza, sono, fome, frio, inflamação na garganta, dor de cabeça, tontura, inflamação no pênis, perda da fome, ou aumento da fome. Algumas travestis declararam que os hormônios as deixam femininas não só por fora, mas psicologicamente também.

¹⁰ Ato de injetar silicone líquido no corpo.

¹¹ Indivíduo, geralmente outra travesti mais velha, que injeta silicone líquido nas travestis jovens. Algumas cafetinas obrigam as travestis a se bombarem, a colocar silicone industrial nos seios e nas nádegas. Algumas cafetinas financiam a aplicação, outras são as próprias bombadeiras. Este procedimento visa apenas o lucro, tanto nos custos da aplicação em si, quanto na prostituição do corpo modelado.

¹² Há dois tipos de silicone industrial: o /1.000, mais denso, e o /350, mais líquido.

¹³ Donas de casa ou pensões onde moram grupos de travestis.

Mas hoje em dia a escolha é muito especial, pois as meninas se assumem muito mais novas, né? (Caderno de campo, 12 ago. 2006).

Mais adiante ela me confia que quem a batizou foi sua irmã caçula e que se sente feliz com esse nome. O caráter performativo da travesti também se revela a partir do nome adotado, pois, como a maioria das travestis que exercem trabalho sexual, e trocam muito de cidade onde atuam, elas, muitas vezes adotam diversos nomes, ou os trocam quando cometem pequenos delitos, ou ficam devendo para as cafetinas.

O trabalho sexual

Denise chega à Campinas em 1986, fica uns seis meses em uma casa onde só havia mulheres se prostituindo. Retorna para Goiânia e volta definitivamente para se instalar na cidade. E, para sobreviver ao Jardim Itatinga, a outsider teve que desvendar o diagrama e os códigos que regem as relações entre profissionais do sexo da cidade e, principalmente, deste bairro:

P – E aqui no Itatinga, como é que era?

D – Eu morava numa casa, inclusive pelo fato de eu fazer, eu ficar nesta casa que era só de mulheres e eu ficava no portão, fazia sala igual às mulheres, cumpria o horário da casa, essa coisa de boate lá. Elas (as outras travestis da casa da Neuza) não gostavam muito de mim. Elas achavam que eu era muito assim... né? Esnobe e coisa e tal! Mas não era isso, é que naquela época eu não conhecia a... eu tinha vindo há pouco tempo pra essa vida de prostituição, eu tinha saído pela primeira vez da casa dos meus pais...

[Silêncio...].

P – Ta, mas você morava numa casa que tinha só mulheres...

D – Eu morava, mas...

P – Era tranquilo?

D – Era tranquila a relação com as mulheres, só tinha eu de travesti lá na casa.

Denise chega ao Jardsim Itatinga na segunda metade dos anos oitenta, quando já havia travestis como profissionais do sexo que se prostituíam nas ruas da cidade. É bom frisar que elas não faziam programas sexuais onde moravam (o que acontece até hoje), ao contrário das mulheres que moram nas pensões e boates onde trabalham.

Denise chega e se instala numa casa como profissional do sexo e, ao que me conta, com o mesmo *status* das mulheres, ou seja, prostitui-se dentro de casa, não fazendo *trottoir*. Percebemos aí um desnivelamento do trabalho prostitucional, quem exerce seu *metier* num espaço fechado – casa, boate – tem um valor hierárquico superior ao de quem procura clientes nas calçadas.

P – No geral, como é que era? ... o cara chega, ele não reconhece você, ele não reconheceu como travesti. Como que ele reagia quando ficava sabendo que não era uma mulher? Que não tinha uma buceta?

D – Ah! Ele ficava decepcionado, aí ele dizia que não era o que ele queria e tal. Tinha uns que pagava a conta e ia embora, não queria nenhuma menina que você colocasse lá... e coisa e tal.

P – Não rolava nenhuma violência?

D – Não, não, comigo nunca rolou não! Mas muitas vezes quando eu faturava assim, quando eu ficava na rua, por exemplo, o cliente levava até no motel. Só que no caminho do motel ele ia conduzindo o diálogo e aí quando ele perguntava se eu tinha filhos, se eu já tinha sido casada é que eu percebia que ele tava... pensando que eu era mulher. Aí eu tinha que contar e às vezes voltava, muitas vezes voltava. (Caderno de campo, 05 abr. 2006).

Denise relativiza e manipula discursivamente seu papel na casa, criando para si uma história de vida paradigmática: não sofre discriminação e nem violências por parte dos clientes que procuravam na zona por uma mulher biológica que satisfizesse suas necessidades sexuais e deparavam-se com ela: uma travesti.

Vulnerabilidade social e violência

As percepções coletadas entre minhas entrevistadas em Campinas apontam a falta de oportunidade de trabalho, de alternativas de lazer e a grande vulnerabilidade à violência, o que se traduz na morte precoce de tantas travestis adolescentes. De fato, os estudos realizados por Denizart (1997, p.67); Benedetti (2005, p.47); Silva (1993, p.84); Oliveira (1994, p.89); Pelúcio (2005, p.229) e Peres (2004, p.116) nos dão conta do grau de violência sofrida diariamente por esses sujeitos.

A acentuada vulnerabilidade social associada às várias facetas da violência aparece claramente no relato de Denise sobre seu processo de assujeitamento¹⁴ às condições de vida na zona e na cidade de Campinas:

¹⁴ Assujeitamento para Foucault implica não só uma relação de obediência, mas também na adoção pelo indivíduo do discurso do outro, no momento mesmo de enunciação de uma verdade sobre si. Um

Pesquisador – Mas a relação com a polícia naquela época?

Denise – Naquela época você não podia ficar parada no centro da cidade, a polícia não deixava. Tinha um preconceito tão grande contra travesti que eles vinham, enchiam o camburão e levavam todo mundo pro distrito. Às vezes você chegava lá e não tinha, não tinha assim, nenhuma ordem do delegado ou da delegada naquela noite pra levar travesti lá. Muitas vezes nós estávamos lá sentadas, a delegada tinha vindo de outra ocorrência e a delegada falava assim: – “Mas quem trouxe essas pessoas pra cá? Porque trouxe essas pessoas pra cá?” Era só porque eles passavam na rua, via a travesti e levava... Aí eles desciam, eles batiam, eles não podiam ver a gente que mandavam a gente andar, circular – “não pode ficar parada aí”. Descia e revistava a bolsa da gente com violência muitas vezes. (Caderno de campo, 05 abr. 2006).

O que justifica a ação policial com tamanha virulência é o machismo que impõe um olhar essencialista para corpo biológico masculino como sendo um corpo naturalmente superior ao da mulher. Assim, esses guardiões da ordem social castigam a travesti para que ela entenda que é homem e que, portanto, não pode ser feminina, nem utilizar os adereços e símbolos do feminino em seu corpo masculino.

Os estudos feministas historicamente demonstraram que a superioridade do homem sobre a mulher deu origem à dominação masculina e ao sexismo, que exclui, discrimina e limita a participação dos sujeitos em função de seu sexo, gênero e identidade sexual. Esta dominação se exerce na esfera privada e pública e confere aos homens (ou aos tipos mais masculinizados tidos como heterossexuais) privilégios materiais, culturais e simbólicos.

Para esta cultura heteronormativa, a vida da travesti e o seu entorno encontram-se fora da ordem: prostituição, cafetinagem, drogadição e alteração do corpo masculino em desacordo com a ética médica (aplicação de silicone líquido industrial não indicado para uso humano, ingestão de hormônios femininos, etc.). Desta maneira, as travestis vivenciam cotidianamente formas variadas de constrangimentos e violências, pois não estão protegidas pela legislação.

E, principalmente, porque violam as expectativas tradicionais de masculinidade, estão sujeitas às formas mais violentas de discriminação entre os sujeitos inseridos nas chamadas minorias sexuais. Sejam quais forem as violências sofridas, elas estão intimamente ligadas ao lugar social em que se encontram. Por esta razão, é bom lembrar que a violência dirigida às travestis tem agressores difusos e são vivenciadas em situações também relativamente obscuras, sendo suas motivações e causas difíceis de serem apontadas.

discurso que se materializa, então, como discurso de poder e engendra o erro, a culpa, a submissão.

Vida pessoal, afetiva e religiosidade

Denise deixa a casa em que morava no Jardim Itatinga e se transforma numa profissional do sexo autônoma. Assim vai morar em vários bairros da cidade, inclusive com a família de um namorado, cuja mãe era profissional do sexo e trabalhava na zona, o que contribuiu para sua aceitação neste novo lar.

A AIDS chega ao Brasil em meados da década de oitenta. No início dos anos noventa a doença se alastra, deixando um rastro de morte e violência contra os grupos estigmatizados como de risco para a infecção e disseminação do vírus: homossexuais masculinos, profissionais do sexo e hemofílicos. Foi assim que ela se engajou na assistência às travestis doentes e seu trabalho encontrou eco no discurso e na prática religiosa. Foi aí que as portas da Pastoral da Mulher Marginalizada, que já atuava no Jardim Itatinga, abrem-se para ela e, com sua entrada na Igreja Católica Apostólica Romana, a travesti Denise vai ressignificar sua vida, ajudando outras travestis, vítimas do vírus HIV.

Denise – a travesti e seu corpo que está fora dos referenciais hegemônicos de gênero e sexo- entra em crise e, olhando para si, não se reconhece como um filho do Senhor. Sente então que abandonou as hordas do Pai Eterno e se vê como uma pecadora. Com a autoestima abalada, a religiosidade encontra em seu peito um campo fértil onde faz germinar suas sementes. Num mundo sem sentido e desesperançado surge, – ou ressurge – em Denise, a religiosidade judaico-cristã:

Denise – Teve uma época que eu coloquei umas travestis pra morar comigo porque elas eram todas usuárias de drogas e portadoras do vírus HIV [...] Então isso começou em 91, 92, 93 mais ou menos quando eu aluguei uma casa e fui morar com essas travestis que eram portadoras do vírus HIV e fui cuidar delas. Foi quando começou a minha militância na questão da AIDS. Aí eu comecei a fazer treinamento, em 90, quando criou o Programa Municipal de DST/AIDS. Os primeiros funcionários que foram atuar nesse centro, eu fui fazer o treinamento junto com eles, aí foi quando eu me sensibilizei com a questão da AIDS. (Caderno de campo, 05 abr. 2006).

Esse novo sujeito, que surge a partir dessa intersecção entre Denise/Igreja Católica/HIV/AIDS, não cabe mais nas formas corporais feminilizadas da travesti. Ela entra em choque com sua identidade de gênero e não se reconhece mais naquele corpo. Instaurado o conflito, esse sujeito necessita novamente reconhecer-se e anseia por uma identidade outra que seja reconhecida, valorizada e aceita socialmente. Olha para si e se desqualifica e, mais uma vez, a homofobia internalizada ressurge.

Formas corporais feminilizadas, peitos, bunda, cabelos compridos e pênis para ela passam a justificar a desqualificação social sofrida nos postos de saúde, onde levava outras travestis doentes. Internaliza a agressão externa e se desestrutura. O discurso religioso surge como uma promessa de redenção, assim ela busca retomar seu nome de batismo. Despe-se da Denise travesti e reassume sua identidade original masculina.

Com os cabelos cortados e roupas masculinas ela se sentia mais respeitada nos ambientes médicos. Agora ela consegue acompanhar as travestis, conversar com os profissionais e dar uma assistência mais qualificada às enfermas.

Dizendo que somente o amor cura e que se sente impressionado com o despojamento de certas pessoas em favor do semelhante desvalido, o padre José Antonio Trasferetti escreveu para a Revista de Cultura Vozes um artigo que dedica “ao travesti Denise e à Pastoral da Mulher Marginalizada por sua dedicação aos excluídos”:

O travesti Denise que mora no Jardim Itatinga contou-me que a sua fé em Deus o tirou da sarjeta. Antes de se encontrar com Deus sentia-se desprezada, caído na rua, sem esperança. Hoje ele se sente gente, é uma presença de Deus para seus irmãos travestis. Oferece cursos de formação, leva-os ao médico, defende da polícia, ajuda a fazer suas compras, limpa suas chagas quando chegam machucados [...] (TRASFERETTI, 1998, p.145).

É interessante notar que, tanto no discurso de Denise em sua entrevista ao pesquisador, quanto no texto impresso do padre Trasferetti, não há uma definição clara para o uso do artigo definido antes do substantivo travesti. Num momento tratam **a travesti**, no feminino, e logo a seguir **o travesti**, no masculino, evidenciando a ambiguidade que reside nestes sujeitos, e o seu não-lugar social. Denise, que, após feminilizar seu corpo físico com hormônios e silicone líquido nos quadris e seios, busca novamente se masculinizar, vestindo camisetas largas, calças e sapatos masculinos, inclusive cortando seus cabelos sedosos e compridos, desta forma travestindo a travesti que habitava em si.

Na segunda vez em que conversamos, procurei extrair de Denise sua percepção ou impressão sobre sua vida privada, desejos, sonhos, projetos de vida. Sempre esquiva, ela falou de si como uma abnegada, que dedica todo o seu tempo, sua energia e sua existência ao bem estar de suas semelhantes. Ao esvaziar-se de tudo que poderia indicar certo egoísmo, seu interior se preenche com o desvelo cristão tornando-a, a seus próprios olhos, uma boa samaritana.

Pesquisador – Então aí você se afasta da família, da Igreja e não sei mais quem e a Denise era um ser sozinho...

D – Não era sozinho porque eu já falei pra você que Deus era muito presente na minha vida...

P – Sim, mas quando você tem seus amigos, seus familiares, você tem isso em torno de você, você tem um conforto emocional, por mais que você leve umas porradas, uns tapas na cara, tem um colo pra você chegar e chorar... Então como é que é hoje pra Denise, quando você leva umas porradas, com quem você chora?

D – Como eu sempre tenho que ser forte por conta de quem está a minha volta, eu não tenho com quem chorar, essas pessoas pra desabafar...

P – Quer dizer que a Denise não tem fragilidades?

D – Não, eu sou frágil, tem coisas que me magoam, me destroem, hoje, apanhar da polícia, quando eu apanhava, doía mais porque eu não entendia, e hoje quando eu me lembro, não me dói tanto porque eu entendo, antes eu não pensava nessa questão do machismo, da exclusão. (Caderno de Campo, 05 abr. 2006).

Considerações finais

Procurei aqui traçar um perfil da travesti Denise. Ela é um sujeito complexo: um ser feminino num corpo masculino reconfigurado. Segundo sua fala, é constantemente confundida com uma mulher por causa de seus modos; não se diz cafetina, mas batiza as novas travestis que chegam até sua casa; afirma que não sofreu violência policial, mas apenas assistiu pela janela as outras travestis apanharem.

Mas quando falamos da constituição de um indivíduo, não podemos tratá-lo isoladamente, pois ele está mergulhado num todo social. Ela trabalha há muito tempo com Direitos Humanos, mas sobrevive por meio da prostituição, própria e/ou de outras meninas. Contraditória, acolhe, protege, batiza e ensina jovens travestis a construírem seus corpos, seu gestual e muitas vezes a se vestir e maquiarem, enfim, a viver no mundo da prostituição (atividades típicas de uma cafetina).

Denise conheceu a travesti Adriana numa das primeiras casas em que morou no Jardim Itatinga, tornaram-se amigas, companheiras e confidentes. Após a morte de Xandinha Brasil, assassinada numa das ruas do Bosque dos Jequitibás, bairro central de Campinas, em 2004, ela assumiu a administração da casa da Adriana (acusada da morte de Xandinha, abandonou a cidade) que, nos dias em que estive por lá, abrigava em média dez meninas. Esse número de moradoras é flutuante, pois as moradoras chegam, ficam uns dias e vão embora, de acordo com as possibilidades do mercado prostitutivo, quer dizer, elas vão

para onde há maior possibilidade de lucro, ou são expulsas por algum problema causado.

Ao explicar sobre sua atuação, Denise me contou:

Denise – A minha ideologia é de acolher, recolher, valorizar, incentivar, estar aconselhando e tal, mas a da cafetina (Adriana) não é. Então aqui, por exemplo, eu tomando conta da casa, não dessa daqui porque aqui eu moro sozinha, umas [travestis] que vêm aqui são minhas colegas e amigas e tal. As meninas, eu estou incentivando e falando e tal, de repente aconteceu um problema que nem eu estou sabendo... a dona da casa sabe, ela liga e fala: Denise, manda a fulana embora. No dia anterior eu tava lá aconselhando, cuidando, passando a mão, alisando e no dia seguinte eu tenho que estar lá mandando embora: Olha a Adriana falou que você não pode continuar, que você fez isso e isso e ela não quer mais... E hoje tem aquela coisa da cafetina falar assim: vai embora da cidade, não é só vai embora da minha casa, é ir embora da cidade, você não pode ficar mais na cidade, entendeu? (Caderno de campo, 05 abr. 2006).

No dia 3 de janeiro de 2007, a Coordenadoria de Travestis do Grupo IDENTIDADE realizou um Sarau. O evento contou com a apresentação artística de várias pessoas. Num dado momento, a voz rascante de Elba Ramalho encheu o espaço com a música *De volta pro aconchego* [Estou de volta pro meu aconchego/ Trazendo na mala bastante saudade/ Querendo/ Um sorriso sincero/ um abraço/ Para aliviar meu cansaço [...]]. Denise entrou trajando um vestido vermelho florido, com a maquiagem toda borrada, mancando com um sapato de salto na mão e outro no pé, arrastando uma mala velha e olhando nos olhos de cada um da plateia.

Ali estão presentes todas as Denises, ou todas as personas que este sujeito é capaz de encarnar, ou criar, ou imaginar: a oprimida, a despossuída, a desterritorializada, a resistente, a resiliente. Ou quem sabe a Fênix, renascida do lixo humano.

Nas duas oportunidades em que conversamos mais longamente, o seu discurso sobre si deixou frestas para a percepção do quão idealizada é a imagem que tem sobre si própria: a de uma missionária a aplacar o sofrimento de seus semelhantes. E é deste lugar que ela realiza sua performance naquele evento. Ela compõe a categoria social travesti através de sua experiência, seus atravessamentos afetivos, emocionais, erótico, político e mercadológico.

Enfim, como todos os sujeitos encarnados, a trama evolutiva de sua vida está inextricavelmente ligada à sua experiência social e pessoal. Assim, nesta perspectiva

teórica, ela se torna responsável pelo lugar que ocupa e pelas escolhas que realizou, desfrutando do poder da criatividade e das escolhas pelo mundo que co-criou.

***DESIRES, CONFLICTS AND PRECONCEPTIONS IN
THE INVENTION OF THE SELF: THE STORY OF A
TRANSVESTITE IN THE WORLD OF PROSTITUTION***

ABSTRACT: *Two interviews were made with Denise Martins(1) for our Master's dissertation, "Among dicks, tits and big hair: subjectivity and identity construction of transvestites from Jardim Itatinga(2), presented at the GEISH – Interdisciplinary Group of Human Sexuality Studies of the Faculty of Education of UNICAMP. This study focused on the subjects that are considered different and, therefore, are likely to have an inferior condition of citizenship because they are effectively out of the bounds conceived by the social rules that structure sex and the heterosexual desire as the norm for all human beings. Thus, we articulate the theoretical field of social sciences with human sexuality regulated by sexual orientations, behaviors, identities, interests or sexual desires that are out of the heterocentric norm.*

KEYWORDS: *Transvestite. Gender. Body. Prostitution.*

Referências

BENEDETTI, M. R. **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

DENIZART, H. **Engenharia erótica:** travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. 12.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

IDENTIDADE. Disponível em: <http://identidade.campinas.sites.uol.com.br/html/quem_somos/index_quem_endereco.htm>. Acesso em: 20 dez. 2010.

OLIVEIRA, N. M. de. **Damas de paus:** o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial Didático da UFBA, 1994.

PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.25, p.217-248, jul./dez. 2005.

PERES, W. S. Processo de estigmatização e estratégias de resistência: violência, exclusão e sofrimento psíquico. In: PARKER, R.; et al. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p.116-123.

SILVA, H. R. S. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1993.

TRASFERETTI, J. A. Igreja dos excluídos: pastoral na periferia dos centros urbanos: homossexualismo em questão – retratos desconexos. **Revista de Cultura Vozes**, Rio de Janeiro, v.91, n.4, p.136 –154, jul./ago. 1998.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

Recebido em: 14/04/2011

Aprovado em: 13/10/2011

